



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

13, 14 e 15
junho de 2022

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | Nº. 1 | Ano 2022

**Eixo TEMÁTICO: Formação de
professores**

Anair A. de Freitas Silva

*Universidade Federal de
Uberlândia - UFU*
anairfs@yahoo.com.br

**FRAGILIZADOS OU
FORTALECIDOS?: repensando a docência
em tempos de ensino remoto**

**WEAKENED OR STRENGTHENED?:
rethinking teaching in times of remote
teaching**



RESUMO

Este texto apresenta um relato de experiência expondo vivências de uma professora, no contexto educacional de uma escola pública da rede estadual, em um município de Goiás. Tem como foco de discussão e reflexão, a realidade vivenciada na docência durante a conjuntura da pandemia do Covid-19. Objetiva apresentar realidades e situações vividas pelos docentes no ensino remoto, ressaltando que podemos aprender algo no enfrentamento de qualquer acontecimento, por mais terrível que seja, ressignificando assim, a docência. O trabalho, mesmo sendo um relato de experiência, se pauta em uma pesquisa bibliográfica e exploratória, de abordagem qualitativa, utilizando-se de registros escritos durante todo processo experienciado. É baseado na experiência docente, dialogando com referenciais de Freire (1996), Santos (2020), Silva (2016), dentre outros que embasaram as discussões e reflexões. Acreditamos que as análises e reflexões fomentaram novos pensamentos, ideias e mudanças com relação à profissão docente e suas nuances nos dias que ainda estão por vir, como também destacou a importância da formação contínua no contexto escolar tendo como foco as práticas vividas pelos professores e professoras.

Palavras-chave: Educação básica. Trabalho docente. Relação professor-aluno.

ABSTRACT

This text presents an experience report exposing the experiences of a teacher, in the educational context of a public school of the state network, in a municipality of Goiás. It focuses on discussion and reflection, the reality experienced in teaching during the Covid-19 pandemic. It aims to present realities and situations experienced by teachers in remote teaching, emphasizing that we can learn something in facing any event, no matter how terrible, thus giving new meaning to teaching. The work, even being an experience report, is based on a bibliographic and exploratory research, with a qualitative approach, using written records throughout the process experienced. It is based on teaching experience, dialoguing with references from Freire (1996), Santos (2020), Silva (2016), among others that supported the discussions and reflections. We believe that the analyzes and reflections fostered new thoughts, ideas and changes regarding the teaching profession and its nuances in the days that are yet to come, as well as highlighting the importance of continuing education in the school context, focusing on the practices experienced by teachers and teachers.

Keywords: Basic education. Teaching work. Student-teacher relationship.



1. INTRODUÇÃO

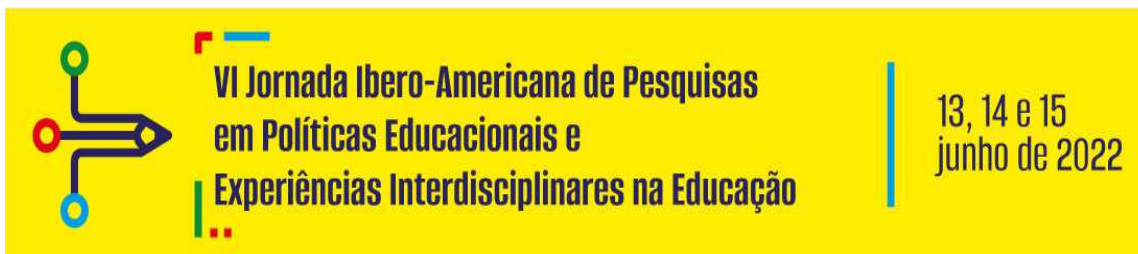
Relatar, discutir, refletir sobre a educação em momentos tão difíceis para toda a sociedade por conta da pandemia do Covid-19, não se apresenta como uma tarefa tão fácil. Um momento novo, diria que até meio estranho. Um momento que nos pegou de surpresa, afetando nosso lado profissional, pedagógico, pessoal, psicológico e até mesmo o afetivo-emocional.

E nesse emaranhado de tantas incertezas e pressões, retomo os versos da poetisa goiana Cora Coralina: “Não te deixes destruir... Ajuntando novas pedras e construindo novos poemas. Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.” Coralina (1997, p. 139). E é por esses versos que eu, professora da rede pública, me represento no momento de enfrentamento das mudanças escolares, diante da realidade posta a toda a sociedade. Uma realidade que me obrigou a buscar a reinvenção, a criatividade, a perseverança, a calma (ainda mais), me levando para um mundo virtual e distante dos meus alunos e da escola, o das aulas não-presenciais. Um cenário que me obrigou, da noite para o dia, numa situação de emergência, a me fortalecer para ressignificar as práticas pedagógicas e enfrentar os obstáculos e desafios que iriam surgir ao longo dos dias, semanas, meses e... não sei até quando.

Diante dessa realidade tão desafiadora que nos foi apresentada no ano de 2020, este relato¹ traz como temática as vivências docentes no períodos de aulas online, objetivando apresentar realidades e situações vividas pelos docentes no ensino remoto, ressaltando que podemos aprender algo no enfrentamento de qualquer acontecimento, por mais terrível que seja, ressignificando assim, a docência. É um relato que aborda momentos vividos por uma professora de Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública estadual, em um município de Goiás, durante o período de ensino remoto. Além dessa comunicação pessoal e das experiências vividas, há também um diálogo com referenciais teóricos que sustentam as discussões e reflexões aqui apresentadas.

O texto foi construído com base em registros escritos e memórias da professora, baseando-se em uma pesquisa bibliográfica e exploratória, com abordagem qualitativa, pois

¹ O presente trabalho foi baseado em um relato de experiência vivido por uma professora de 6º ao 9º ano, em uma escola pública estadual de Goiás, que atendia, no ano de 2020, aproximadamente 600 alunos. O público envolvido foram os alunos de seis turmas (6º, 7º e 8º anos), perfazendo um total de 180 alunos.



segundo Severino (2016) é um caminho que fornece condições ao pesquisador de explorar seu objeto de pesquisa ou de estudo, com outros(as) autores(as), com outras perspectivas reflexivas. Na direção do pensamento do autor, os(as) pesquisadores(as) precisam enveredar no mundo da pesquisa para além de acompanhar a evolução histórica do conhecimento, contribuir com a construção de saberes que contribuam com a ciência.

O relato está organizado em duas partes, representadas por dois pontos que motivaram a escrita: o que me fragilizou e o que me fortaleceu, ou seja, o que, nesse momento que vivemos, foi favorável ou desfavorável. Na primeira parte apresento os dias de prática docente online, os desafios, as angústias, as lacunas formativas, o que considero como ponto desfavorável ocasionado pela pandemia. Na segunda, discorro sobre um novo sentido que construí, profissionalmente, sobre a relação afetiva professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem, a importância da formação docente na escola, e a transformação da prática pedagógica diante da situação vivenciada pelos educadores brasileiros nesse processo pandêmico, o que considero como ponto favorável.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Meus dias de docente na educação à distância – meu eu fragilizado

As transformações ocorridas na sociedade, na Educação e nas escolas, afetam diretamente os profissionais da docência, com destaque para o período da Pandemia do Covid-19. Foram mudanças nas formas de ensinar, de avaliar, de conduzir o processo pedagógico, além das demandas excessivas de responsabilidades e tarefas. Foi um processo vivido pelos alunos, famílias e escolas, porém em situação de distanciamento uns dos outros.

E foi nesse movimento de mudanças, transformações, rupturas de paradigmas e crenças, reconhecimento do eu profissional e pessoal, que os saberes emergiram como forma de ressignificar a ação docente e de demarcar a identidade profissional dos professores, favorecendo assim, o seu desenvolvimento profissional. Corroborando, Silva (2016, p. 49), destaca a compreensão desse desenvolvimento, “[...] como sendo todas as ações realizadas pelos professores, no crescimento das competências em termos de práticas cotidianas que



conduzem a repensar sua prática pedagógica, partindo de reflexão, ação e nova reflexão na interação com a escola”. Nesse sentido, a formação contínua no contexto escolar se torna um caminho para o enfrentamento dessas mudanças, amparando e apoiando os(as) docentes no dia a dia da profissão.

Este trabalho apresenta vivências e transformações de uma professora de Ensino Fundamental II, de uma escola pública estadual com aproximadamente 600 alunos, em um município goiano, atuando com alunos de 6º ao 8º ano (um total de 180 estudantes) em uma escola de periferia, com inúmeras desigualdades sociais e econômicas. A demarcação da realidade se torna necessária para possibilitar melhor entendimento das dificuldades e obstáculos enfrentados no período de pandemia, o que nos obrigou a mudanças urgentes em nossa prática pedagógica.

Comecei o ano letivo de 2020 bastante animada, depois de retornar de uma licença para mestrado de dois anos. Animada por poder estar novamente em sala de aula, ministrar aulas. Entusiasmada por poder dialogar com alunos, fazer com alunos, construir saberes com alunos, enfim, me realizar como profissional, tendo a parceria dos educandos, pois, afinal, como bem ressalta Rios (2008, p. 75) “[...] uma aula não é algo que se dá, mas algo que se faz, ou melhor, que professores e alunos fazem juntos”. Era exatamente assim que me sentia com as seis turmas para as quais ministrava aulas de Arte e Ensino Religioso.

Ao ouvir falar do Covid-19 no início do ano, não imaginava que tomaria essa proporção e causaria tantas mudanças e adequações em nossas vidas, principalmente na escola. Porém, logo no mês de março, com base no Decreto Estadual n. 9.633 de 13/03/2020, de um dia para o outro me vi sem poder ir à escola, sem poder encontrar alunos, conversar com eles, fazer as atividades diárias cheias de significado e importância em nossas vidas. Vi-me sozinha em casa, planejando aulas para serem ministradas à distância com uso das tecnologias. Aulas em que, de um lado do aparelho celular estaria a professora postando atividades e explicações e, de outro, os alunos tentando entender o que era proposto, pois foi assim que iniciamos as atividades no ensino remoto.

Claro que eu, como professora no ensino presencial, utilizava as tecnologias como



novas formas metodológicas de ministrar minhas aulas, mas, quando o fazia, eu tinha a presença física dos meus alunos. Agora, isso já não era possível. Estava diante de uma realidade na qual tinha que me reinventar, me recriar, me transformar, me adaptar e conduzir minhas aulas de acordo com a nova realidade.

Nesse sentido, teria que exercitar meu senso criativo, que não é muito, mas era a única forma de tentar trabalhar com os alunos, além de dialogar com os estudantes e colhendo deles, as melhores formas de conduzirmos nossas aulas. Criatividade essa que não era o ato de criar obras de arte, mas de criar novas formas de ensinar, romper barreiras, quebrar paradigmas, pois, como enfatiza Martinez (2008, p. 127) “[...] a criatividade supõe desafios, abertura, alternativas, elementos que devem estar presentes em uma aula que funcione criativamente”.

Em consonância com as afirmações da autora, eu estava diante de um contexto desafiador, no qual teria que buscar novas alternativas, novas formas de ensinar, me abrir para o novo, no caso, as tecnologias, e assim tentar fazer um trabalho com o mínimo de significância para os educandos, situados, como afirma Santos (2020), em populações indefesas. Era um panorama complicado para eles e para mim.

Quando me vi nesse novo enfrentamento, nessa nova dinâmica de aula, me senti sem muita direção, sem muitas condições de trabalhar nessa nova perspectiva. Afinal, como já mencionei, começamos de um dia para o outro, sem muito planejamento de equipe, com pouco direcionamento. Iniciei o planejamento tendo apenas a informação de que, a partir daquele momento, as aulas seriam pelo aplicativo de *Whatsapp*, que era a forma mais viável, no momento, para lidar com a realidade dos nossos alunos. Era a ideia inicial para conseguir atingir um número maior de educandos, uma vez que poucos tinham computador em casa, sem falar no acesso à internet, que era outro fator agravante.

Nesses dias de ensino remoto, senti a necessidade de momentos formativos com os professores, de realizarmos uma escuta ativa, objetivando assim, um processo de formação contínua pautado no diálogo, na reflexão e na ação ressignificada, ou seja, seriam através dos relatos e prática docentes vivenciadas, que a formação em serviço seria direcionada, colocando o professor no centro do processo formativo (NÓVOA, 2013).



Corroborando com essas ideias, a formação contínua, permanente, é um processo de prática crítico-reflexiva, como propõe Freire (1996, p. 39):

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de tal modo concreto que quase se confunde com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática, enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. (FREIRE, 1996, p.39)

Com base nas contribuições do autor, era necessária essa reflexão crítica a fim de fortalecer os professores no enfrentamento do dia a dia e em dar um novo sentido às práticas pedagógicas realizadas. Além disso, senti falta de um planejamento prévio das aulas para que eu pudesse trabalhar com mais segurança e menos temor. Afinal, planejamento de aula presencial não é o mesmo de uma aula não-presencial. E o que percebi, no grupo de professores, foi essa constatação. Dessa forma, me vi num contexto em que havia um número exagerado de tarefas e de atividades, como se estivéssemos em sala de aula. E nossos alunos, com toda dificuldade, se esforçavam para fazê-las e entregá-las a tempo aos professores.

Realmente, me senti fragilizada. Estava diante de uma novidade, um desafio de trabalho pelo qual jamais tinha passado: o de trabalhar o tempo todo com as tecnologias, seja na transmissão das aulas ou em sua preparação. Uma verdadeira mudança da minha rotina. E diante desse contexto, surgiram algumas questões problematizadoras: E agora, como fazer? De que forma transformar a prática pedagógica? Como alcançar um número maior de alunos para o ato de aprender? Será que estavam entendendo o que era proposto? Essas e muitas outras indagações formigavam em minha cabeça. Foram indagações que me fizeram lembrar da pesquisa realizada por Silva (2019), na qual constatou que o manuseio e utilização de tecnologias nas aulas era um dos desafios na vida diária dos professores e, conseqüentemente, na sua formação.

De um lado, as tentativas e correções de rotas, de estratégias, eram constantes. Todas as iniciativas que me esforçava para planejar tinham um único objetivo: atender com qualidade o maior número de alunos. De outro lado, havia as cobranças e pressões para que esses alunos participassem, que os conteúdos fossem trabalhados, que os registros fossem feitos, que



planejamentos fossem elaborados, enfim, que tudo saísse como se as aulas fossem presenciais. Tudo isso me deixava com a sensação de que não sabia mais ser professora. Tudo me angustiava e me deixava apreensiva por não saber ao certo como meus alunos estavam sobrevivendo a essa nova forma de aprender, de estudar, de exercitar a função discente.

E nessa situação de tantas angústias, desalentos, impotência, e até mesmo de estresse, me vi transformando a minha prática pedagógica para tentar colaborar, apoiar e estar com meus alunos durante um processo tão desafiador para todos nós. Retomei então a leitura de Freire (1996) e percebi o quanto eram atuais suas colocações sobre a prática educativa. Eu estava me recriando para intervir na realidade a fim de dar um novo sentido ao processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Redescobrimo novas práticas e a afetividade na relação professor/aluno – meu eu fortalecido

Estava diante de uma realidade que me exigia uma nova postura, uma nova mentalidade. Era uma nova identidade profissional, um reconhecimento das minhas necessidades. E refletir sobre isso era de extrema relevância para o meu processo de mudança e melhoria da minha prática. Era uma nova demanda, um novo desafio. Era preciso romper barreiras e vencer os obstáculos e dificuldade individuais.

Destarte, a reflexão da prática, como um dos saberes necessários à docência, remonta às ideias de Santos (2013), quando enfatiza que, por meio dessa prática,

[...] o professor poderá produzir conhecimentos que dialoguem com as demandas da profissão, isto é, com suas práticas de ensino e aprendizagem, sendo esses elementos os substratos para ele poder reconhecer que suas práticas precisam ser aprimoradas, reconfiguradas e até transformadas (SANTOS, 2013, p. 84).

A ideia da autora só reforça a importância de a formação docente estar pautada nas demandas da profissão docente para que assim possamos enfrentar as realidades colocadas pelos contextos emergenciais e reconfigurar nossa forma de ver e entender o processo do ensinar e do aprender. Mas ali estava eu, sozinha, isolada, cumprindo uma quarentena. Destarte, segundo Marcelo Garcia (1999) e Freire (1996), tinha que realizar minha autoformação, refletir



sobre o que estava fazendo para vencer os desafios que estavam por vir.

Apesar de ser um processo muito complicado para nós educadores, para os alunos, para as famílias, para o grupo gestor da escola, enfim, para todos os envolvidos na educação, foi também um momento de descobertas e reconhecimento sobre o que envolve o fazer docente.

Por isso, nesta parte do relato, registro aquilo que me marcou positivamente e fez repensar minha prática, repensar a formação, repensar a sala de aula, repensar a relação professor-aluno, repensar a escola. Sendo assim, retomei a ideia de Lara (2003, p. 221) sobre suas impressões a respeito da escola, ao afirmar que “Ligamos demais ensino-aprendizagem a razão e a inteligência. Muito pouco a sentimento e a imaginação.”

Baseando-me na ideia do autor, percebi que era um momento em que a aprendizagem não seria como eu gostaria, mas precisava contribuir de alguma forma para a formação humana, afetiva, criativa, imaginária dos meus alunos. E foi nesse momento de tantas dificuldades, de tantos obstáculos e desafios, que me vi mais próxima de cada um deles, pois, afinal, nossa comunicação era pelo contato do meu telefone pessoal.

E foi nessa relação dialógica diária que percebi quanto meus alunos eram carentes de conversar, de mostrar o que faziam, de perguntar, de expor problemas familiares, pois no momento de envio e devolutiva das atividades o atendimento era individual. E isso – atender a cada um, em sua dificuldade, em sua particularidade – na sala de aula, por mais que me esforçasse, não era possível, pois lidava com turmas de até 35 alunos. Agora não. Cada um, na sua individualidade, na sua capacidade, em sua realidade habitacional, me mostrou o que era capaz de fazer, que condições físicas tinha para realizar as atividades. Enfim, foram tantos e diferentes diálogos que estabelecemos que até me descontraía em momentos de tanta incerteza e falta de esperança.

Foram muitos os fatos que me marcaram e ficarão para sempre em minha memória. Foi um período em que me redescobri, em que me vi tendo outros olhares para a realidade dos meus alunos e para a forma como ensinamos na escola. E isso me fez mudar como profissional, como pessoa, como cidadã, pois, como ressalta Santos (2020, p. 29), “A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos



modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum”. A afirmação do autor me leva a pensar que é possível fazer, de um momento conturbado, um momento para refletir e assumir as possíveis mudanças de prática, de pensamento, de atitudes e até mesmo de ver o outro em uma realidade diferente daquela que tenho e na qual vivo. Afinal, as mudanças históricas, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas ocorridas em cada tempo, em cada contexto, em cada realidade, provocam também transformações no ser, no tornar-se e no fazer docente.

4. RESULTADOS

Diante do exposto e das reflexões referenciadas e apresentadas, este trabalho, mesmo não sendo uma pesquisa de campo, propiciou resultados significativos na prática docente, no processo formativo, na forma de entender os(as) estudantes, como também de dar um novo sentido a tudo que fazemos no cotidiano da escola.

A prática docente foi transformada para que pudesse atender aos alunos em suas particularidades, proporcionando um trabalho significativo, prazeroso e de qualidade para eles. Dentre tantas formas utilizadas, resalto a atividade de declamação de poemas, por áudios e vídeos enviados à professora pelo aplicativo do *WhatsApp*. Foram momentos que me encorajaram e os alunos se sentiram motivados a participar da atividade.

E foi nessa relação que os alunos começaram a enviar mensagens de dúvidas e pedido de informações para as demais atividades. Desta forma, foi uma oportunidade de estreitamento dos laços afetivos, pois as respostas eram individuais, valorizando assim a atividade de cada um e proporcionando um momento de fortalecimento do aspecto afetivo-emocional no processo de ensino -aprendizagem.

No início do processo de aulas *on-line*, ainda estávamos perdidos em como fazer, de que forma fazer, como alcançar um número maior de educandos e verificar se realmente estavam entendendo pelo menos o mínimo que fosse. E foi nesse processo e com o passar dos dias, que descobrimos a força do coletivo na formação docente. Foram momentos de trocas, de aprendizagem colaborativa, mesmo que por mensagens. Cada professor, diante de sua dúvida,



procurava um colega para que pudesse ajudá-lo, além de compartilharmos nos grupos, as atividades realizadas que estavam dando resultados positivos e que estavam oportunizando uma aprendizagem significativa.

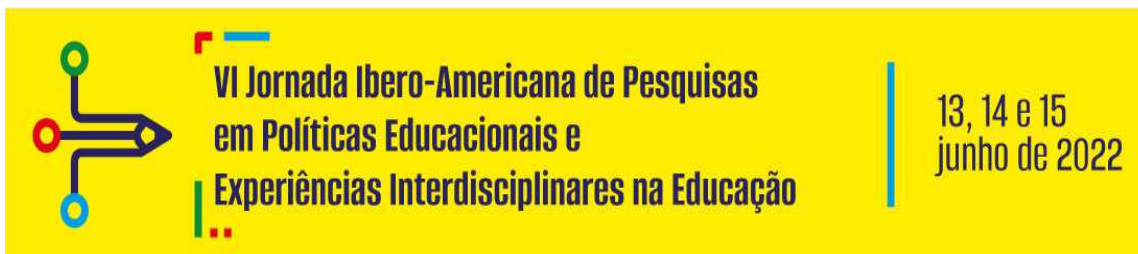
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever, relatar momentos de experiência docente em tempos de pandemia foi um processo necessário e profícuo para ressignificar a docência visando a um projeto futuro de retorno às aulas presenciais. Um retorno que nos faz refletir que de fato retornaremos à normalidade, mas que não será fácil para todos, como também afirma Santos (2020), pois muitos terão perdido seu emprego, sua casa, sua profissão e até mesmo não terão alcançado aprendizagem significativa para o prosseguimento nos estudos.

Destarte, a fim de suscitar reflexões em toda a sociedade, em especial aos educadores e governantes do nosso país, este trabalho procurou deixar algumas questões que precisaremos repensar para o momento pós-pandemia. Questões essas que foram germinadas nesse processo de escrita pessoal e que necessitam fazer parte do nosso cotidiano quando retornarmos às aulas presenciais. Ademais são reflexões que poderão suscitar novos estudos, novas pesquisas e discussões relacionadas à formação docente na escola, o processo ensino-aprendizagem e a relação afetiva professor/aluno.

É certo que aprendemos com a pandemia, tivemos pontos favoráveis e desfavoráveis, houve pontos contra e a favor, enfim, surgiram as fragilidades e as forças pessoais de cada docente, de cada educando, de cada família, de cada profissional. Nesse sentido, é oportuno projetar aspectos de que a escola precisa se ocupar no possível retorno às aulas presenciais, que ainda não sabemos quando nem como será. Um retorno que precisa considerar o desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e humano dos(as) educandos, como também suas realidades vividas e sofridas.

De fato, teremos grandes impactos na questão da afetividade humana após o Covid-19, e isso nos levará a pensar, refletir e buscar novas estratégias para o desafio de uma nova afetividade. Uma afetividade que possivelmente não será pelo contato físico, mas por novas



maneiras de demonstrar o afeto, a atenção, o apoio na relação professor-aluno.

Este trabalho nos faz pensar que as novas demandas, as realidades sociais, a formação descontextualizada, etc, por um lado nos fragilizaram e suscitaram o sentimento de impotência. Por outro lado, nos instigaram a buscar novas alternativas, a dar um novo sentido as nossas práticas, a lutar pelo fortalecimento da profissão docente em todos os sentidos, ressignificando a formação contínua na escola como uma ação pautada na persistência e no fortalecimento do coletivo. Nesse sentido, é preciso valorizar as práticas e dilemas vividos pelos docentes a fim de potencializar a formação no contexto escolar.

Enfatizo que receitas, modo de fazer, sugestões de ideias não posso afirmar que temos, mas creio que será, por meio de uma postura reflexiva, durante o processo percorrido e com base na realidade vivida e na que ainda está por vir que encontraremos novas estratégias para o desenvolvimento do ato de ensinar. E assim, descobriremos diferentes formas de apoiar, de ajudar e, conseqüentemente, de demonstrar a afetividade na relação professor-aluno, ressignificando a docência em tempos turbulentos e considerando as reais necessidades docentes para a sistematização de propostas formativas e de políticas públicas de formação e valorização dos profissionais da educação como de políticas sociais que amparem os(as) educandos(as) do nosso país.

5. REFERÊNCIAS

- CORALINA, C. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 6. ed., São Paulo: Global, 1997.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOIAS. *Decreto nº 9.633*, de 13 de março de 2020. Dispõe sobre a decretação de situação de emergência na saúde pública do Estado de Goiás, em razão da disseminação do novo coronavírus. Disponível em: <https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/103016>. Acesso em: 11.jun.2020.
- LARA, T. A. *A escola que não tive... o professor que não fui: temas de filosofia da educação*. 3. Ed., São Paulo: Cortez, 2003.
- MARCELO GARCIA, C. *Formação de Professores: para uma mudança educativa*. Porto, Portugal: Porto Ed., 1999.
- MARTINEZ, A. M. A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles. In: VEIGA, I. P. A. (org.). *Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas, São Paulo: Papyrus,



2008. (115-143)

NÓVOA, A. (org.) *Vida de professores*. Porto: Porto editora, 2013.

RIOS, T. A. A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles. In: VEIGA, I. P. A. (org.). *Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008. (73-94)

SANTOS, B. de S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina SA., 2020.

SANTOS, E. G. dos. A dinâmica das ações extensionistas nos processos formativos de professores da Educação Básica: a tessitura de redes de relações entre escola e universidade. 2013. (*Tese de Doutorado em Educação*) - UFSM: Rio Grande do Sul, 2013.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, A. A. F. Necessidades formativas de professores do ensino fundamental II: contribuições para a formação contínua em escolas estaduais de Itumbiara – GO. *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em Educação) 212f., Uberlândia, MG: UFU, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25887>. Acesso em 13 de jun. de 2020.

SILVA, M. O. L. da. *Formação continuada: desenvolvimento profissional de professores na escola*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

Anair Araújo de Freitas Silva

Pedagoga. Mestrado em Educação – UFU.

Doutoranda em Educação – UFU.

Professora na Rede Estadual de Goiás.